

## Resenha

Hyman, Richard. *Marxismo e sociologia do sindicalismo*.

Florianópolis: Enunciado Publicações, 2023.

ISBN 9786585215015

## Entre a revolução e a conservação: sindicalismo sob a ótica marxista

**Tarik Dias Hamdan\***

Richard Hyman destaca-se no campo dos estudos sindicais e das relações industriais. Professor emérito da *London School of Economics* (LSE), o prestígio do trabalho de Hyman se deve principalmente às suas análises acerca da crise do sindicalismo europeu diante da expansão da globalização e do neoliberalismo, com obras relevantes como *Understanding European trade unionism: between market, class and society* (2001) e *Trade unions in Western Europe: hard times, hard choices*, este último em parceria com McCormick (2013). Nesta resenha, abordo uma obra de uma fase mais inicial de sua carreira, publicada originalmente em 1971, que recebeu sua primeira tradução para o português apenas em 2023, sob o título *O marxismo e a sociologia do sindicalismo*.

De acordo com o autor, um dos motivos para a redação da obra naquela época era a escassez de desenvolvimento teórico na sociologia e nos estudos do trabalho sobre o sindicalismo, em contraste com a abundância de trabalhos empíricos existentes. Nesse contexto, torna-se imperativo revisitar os pensadores que se dedicaram a teorizar sobre essas entidades ao longo dos séculos XIX e XX. Tais autores, muitos deles socialistas, estavam motivados pelo desejo de transformar a sociedade capitalista e compreender o papel dos sindicatos nesse processo de transição. Tal discrepância entre a baixa produção teórica e a profusão de estudos empíricos assemelha-se à situação contemporânea, o que reforça a relevância da recente tradução da obra de Hyman para o português.

Para Hyman, é possível categorizar os teóricos socialistas que estudaram o sindicalismo em duas correntes principais: os “otimistas” e os “pessimistas”. Os primeiros, entre os quais se destacam Marx e Engels, focaram no potencial transformador dos sindicatos dentro do sistema capitalista. Por outro lado, os pessimistas, representados por figuras como Lenin, Michels e Trotsky, salientam as contracorrentes de acomodação ao sistema capitalista, destacando a falta de potencial disruptivo dessas entidades sindicais.

O livro é composto por quatro capítulos, que são explorados nesta resenha. O primeiro capítulo expõe os argumentos centrais de Marx e Engels, representativos da tradição otimista, enquanto o segundo capítulo apresenta as visões mais pessimistas de autores que seguiram a tradição socialista e marxista. O terceiro capítulo realiza

---

\* Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/UFRJ). E-mail: hamdan.tarik@gmail.com

uma crítica aos pontos abordados pela corrente pessimista, investigando suas contribuições significativas e limitações. No quarto capítulo, delineia-se como a corrente pessimista se estabeleceu como uma “ortodoxia” na sociologia do trabalho. Por fim, na conclusão, discute-se, sob a perspectiva de Hyman, o papel dos sindicatos na sociedade capitalista.

De acordo com Hyman, embora Marx e Engels integrem a tradição otimista, do ponto de vista econômico, eles consideravam a ação dos sindicatos relativamente limitada. Isso decorre do fato de que os sindicatos não são capazes de alterar as leis fundamentais da acumulação capitalista, tais como a determinação dos salários com base na oferta e demanda e a deterioração das condições de trabalho. No entanto, as organizações dos trabalhadores desempenham um papel crucial em mitigar a redução salarial durante períodos de crise econômica, quando o valor da força de trabalho pode ser facilmente reduzido ao mínimo.

No entanto, as ações sindicais orientadas para ganhos econômicos resultaram em consequências políticas significativas. Estas empreitadas representaram a primeira resposta organizada dos trabalhadores contra a burguesia e contribuíram para o desenvolvimento de uma unidade entre os operários, atuando como verdadeiras “escolas de guerra”. Essa união dos trabalhadores tem o potencial de transcender a competição inerente ao mercado de trabalho, na qual os operários são constantemente colocados, e poderia ameaçar a estabilidade do sistema capitalista.

Essa perspectiva de Marx e Engels é matizada em alguns de seus escritos posteriores. Ao observarem o desenvolvimento do sindicalismo inglês, eles identificaram uma inclinação das entidades sindicais de se transformarem em “aristocracias operárias”, isto é, de representarem apenas uma minoria de trabalhadores privilegiados. Além disso, apontaram para o surgimento de corrupção material e ideológica entre os líderes sindicais, que abandonaram a agenda socialista em favor de ganhos econômicos ou traíram ideologicamente os trabalhadores. Por fim, Marx e Engels também destacaram o processo de aburguesamento da classe trabalhadora inglesa. Esse último fenômeno era atribuído à posição de destaque do capitalismo inglês no cenário internacional, que permitia aos trabalhadores obter ganhos superiores em comparação com os trabalhadores de outros países.

No entanto, como salienta Hyman, esses fatores não comprometeram a teoria geral dos autores, configurando-se como elementos conjunturais passíveis de serem superados. No caso da formação de “aristocracias operárias”, o aumento da sindicalização nos setores mais precarizados poderia funcionar como um fator atenuante. Em segundo lugar, a corrupção material e ideológica poderia ser enfrentada com uma base menos passiva. Por fim, o processo de aburguesamento tenderia a se resolver com o desenvolvimento de outros países capitalistas que competissem com a Inglaterra, reduzindo assim a posição privilegiada dos operários ingleses.

Para Hyman, a tese otimista de Marx e Engels foi progressivamente enfraquecida após a morte dos autores, permanecendo mais influente apenas em círculos do anarcossindicalismo. Em contrapartida, desenvolveu-se a corrente pessimista, que destacava como as instituições sindicais não representavam desafios potenciais ao capitalismo, mas, pelo contrário, contribuíam para sua manutenção. Os três principais expoentes dessa corrente, Lenin, Michels e Trotsky, ilustraram diferentes variantes do

pensamento pessimista, representando as perspectivas de integração, oligarquização e incorporação, respectivamente.

Para Lenin, os sindicatos não representam uma ameaça à ordem capitalista, uma vez que suas lutas são fragmentadas entre diversos setores e empresas distintas. Nesse contexto, as batalhas por melhores condições de trabalho em nível local não são capazes de promover a unificação da classe trabalhadora, pois são conduzidas com base em categorias profissionais específicas e não a partir do reconhecimento do proletariado como classe antagonista à burguesia. Outro aspecto relevante apontado é a dimensão ideológica: segundo ele, a luta sindical, por si só, tende a desenvolver apenas uma consciência sindicalista. A revolução socialista, argumenta, só pode ser alcançada por meio de uma organização revolucionária como o partido, que transcende as lutas específicas dos sindicatos e está equipado com uma teoria revolucionária. Em síntese, Lenin sustenta que os sindicatos podem ser facilmente integrados à ordem capitalista, visto que suas demandas não desafiam substancialmente essa ordem, tanto do ponto de vista econômico quanto do ideológico.

Michels, por sua vez, defendeu a teoria da oligarquização das organizações sindicais, argumentando que há uma perda contínua do caráter democrático dessas entidades e uma monopolização dos cargos de liderança pelos mesmos dirigentes. Ele atribui essa dinâmica ao fato de que as funções exercidas por um sindicato, como a organização de greves e a condução de negociações coletivas, demandam líderes sindicais profissionais, experientes e especializados. Tal requisito contribui para que os líderes se tornem dependentes de seus cargos, ao mesmo tempo que a base passa a ver esses mesmos líderes como detentores quase consuetudinários das suas posições. A longo prazo, isso resulta na formação de um estrato distinto dentro da classe trabalhadora, que adota um estilo de vida pequeno-burguês e, portanto, ideologicamente distinto de suas bases.

Essa dependência dos líderes na perpetuação do sindicato e de suas posições implica um desinteresse em alterar a estrutura do sistema capitalista. Ao contrário, há um interesse na manutenção desse sistema, pois a ausência de conflitos significativos com os empregadores permite desfrutar das vantagens da negociação coletiva e continuar exercendo as funções típicas do sindicato. Em última análise, o fim do sistema capitalista significaria também o fim das atribuições sindicais e dos cargos de liderança, tornando-se, portanto, objetivos a serem evitados pelos dirigentes sindicais.

Trotsky, segundo Hyman, desenvolveu uma teoria da incorporação, argumentando que existe uma estratégia por parte do Estado e das indústrias para neutralizar a ameaça do sindicalismo ao sistema capitalista. De acordo com o autor, há um descompasso entre as lideranças sindicais e suas bases; enquanto os líderes tendem a ser mais conservadores, as bases inclinam-se para a radicalização. De forma semelhante ao argumento de Michels, a burocratização sindical criou um estrato separado dos trabalhadores, tornando-os vulneráveis a se tornarem instrumentos da disciplinarização desse corpo de funcionários. A incorporação dos sindicatos como administradores dos trabalhadores ocorreria através de sua aproximação com o Estado, resultado da fragilidade dos sindicatos que buscariam apoio estatal diante do desenvolvimento do capitalismo monopolista.

Para Trotsky, no capitalismo só existiriam duas possibilidades: ou se destruiriam os sindicatos por meio do fascismo, como visto na Alemanha Nazista, ou se converteriam os líderes sindicais para atuarem como uma espécie de segunda gerência. Essa tese de Trotsky ganhou repercussão na sociologia, que expandiu seu argumento para explorar como a incorporação poderia ocorrer principalmente nos locais de trabalho, diminuindo o potencial de radicalização das bases. Hyman aponta como um dos principais divulgadores dessa tese o sociólogo Wright Mills. No caso brasileiro, essa perspectiva influenciou o imaginário de como se concebiam as relações entre Estado e sindicato desde a era Vargas até o golpe militar, por autores como Weffort (2008), e, mais recentemente, a relação entre os governos do Partido dos Trabalhadores e suas bases, o que pode ser visto nos escritos de Braga (2012).

Após explorar as visões otimistas e pessimistas, Hyman dedica o terceiro capítulo de sua obra à análise crítica das perspectivas da segunda corrente. Ele argumenta que, apesar de essas análises fornecerem contribuições valiosas para a compreensão do sindicalismo, sua abordagem unilateral negligencia a relação dialética entre o sindicalismo e a sociedade capitalista. Apoiando-se em Perry Anderson, o autor sustenta que os sindicatos representam tanto oposição quanto parte integrante do capitalismo. Assim, as análises que focam unilateralmente falham em reconhecer essa dualidade.

Ademais, Hyman afirma que, embora existam tendências de integração, oligarquização e incorporação, é crucial considerar o contexto específico que possibilitou esses fenômenos, bem como examinar suas contradições e resistências potenciais. No caso da teoria da integração de Lenin, reconhece-se a capacidade do sistema capitalista de assimilar demandas sindicais, mitigando seu potencial disruptivo. No entanto, é imperativo considerar as circunstâncias específicas que permitem concessões em determinados momentos, assim como o nível de aspiração e organização dos trabalhadores.

O contexto inglês durante o período em que Hyman escreveu o livro exemplifica possíveis contradições a essa integração. Mudanças trazidas pela globalização e pela estagnação econômica alteraram a dinâmica de integração, sugerindo uma redução na assimilação das demandas sindicais e uma revolução nas expectativas dos trabalhadores.

No caso de Michels, apesar de também observarmos tendências de oligarquização, existem fatores atenuantes que não foram devidamente considerados. De certa forma, a apatia dos trabalhadores está relacionada à capacidade dos líderes em prover os serviços desejados. Em contrapartida, quando os dirigentes sindicais falham, as bases se tornam mais ativas, indicando que os líderes estão sujeitos a constrangimentos. Além disso, existem pressões normativas que incentivam a adoção de práticas mais democráticas. Essa necessidade decorre do fato de que, à medida que os capitalistas tentam retratar os sindicatos como entidades que não representam adequadamente suas bases, surge para os líderes sindicais o incentivo de demonstrar práticas democráticas como forma de se legitimarem perante suas bases.

Por fim, outro fator a ser considerado é o contexto e o nível de organização. Em países que apresentam uma estrutura sindical estratificada – como o Brasil, com sindicatos locais, federações e confederações –, observa-se um espaço maior para ação democrática nos níveis mais locais em comparação com os outros dois níveis. Isso ocorre porque os sindicatos locais estão mais próximos das bases e da representação cotidiana, facilitando uma maior participação e responsividade.

A análise de Hyman sobre a teoria de Trotsky considera que, embora existam tentativas de incorporação dos sindicatos pelo sistema, é crucial avaliar as probabilidades de sucesso desses esforços. Utilizando o exemplo britânico, o autor aponta que, em períodos de estagnação econômica, as tentativas de incorporação tendem a ser menos bem-sucedidas, abrindo espaço para movimentos que promovem a radicalização e a democratização por parte dos líderes sindicais.

Hyman sintetiza que as três visões contribuíram para uma ortodoxia na sociologia do trabalho, responsável por conferir um papel passivo às bases sindicais. No entanto, ele enfatiza novamente o caráter ambivalente do sindicalismo. Embora a passividade possa ser essencial para manter negociações coletivas e boas relações com os empregadores, a liderança sindical não deve reprimi-la completamente, pois isso comprometeria a capacidade de contestação do sindicato, que se torna crucial em momentos de maior instabilidade.

No capítulo de conclusão de sua obra, o autor enfatiza a necessidade de se reconhecer a relação dialética entre sindicalismo e sociedade capitalista, o que implica uma análise mais matizada dos problemas apontados pela tradição pessimista. Contudo, mesmo em contextos nos quais o sindicalismo demonstra maior combatividade, como era o caso na Inglaterra na época estudada, persiste um descompasso entre as ações e a consciência dos líderes sindicais. Isto é, apesar de existirem níveis significativos de organização e confronto, do ponto de vista ideológico, Hyman observa que há uma falta de questionamento crítico à sociedade capitalista por parte dos sindicatos, que frequentemente acabam por adotar a ideologia da classe dominante.

Nesse contexto, ele concorda em parte com Lenin ao destacar as dificuldades em transformar a consciência sindical em uma consciência de transformação social. No entanto, Hyman também aponta que é crucial analisar as condições específicas que influenciam o desenvolvimento da consciência de classe, sugerindo que, em certas situações, as experiências sindicais podem ser mais ou menos conscientizadoras.

Concluo enfatizando que a obra de Hyman representa uma valiosa contribuição para os estudos sobre sindicalismo no Brasil, especialmente para os autores associados à tradição marxista. É fundamental resgatar o debate teórico acerca do papel dos sindicatos na sociedade capitalista, e as perspectivas dos autores ligados ao socialismo oferecem contribuições significativas.

## Referências

- BRAGA, Ruy. *A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- GUMBRELL-MCCORMICK, Rebecca.; HYMAN, Richard. *Trade unions in Western Europe: hard times, hard choices*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- HYMAN, Richard. *Understanding European trade unionism: between market, class and society*. Londres: SAGE Publications Ltd, 2001.
- WEFFORT, Francisco. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2008.

Recebido em 22 de abril de 2024

Aprovado em 16 de setembro de 2024